Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



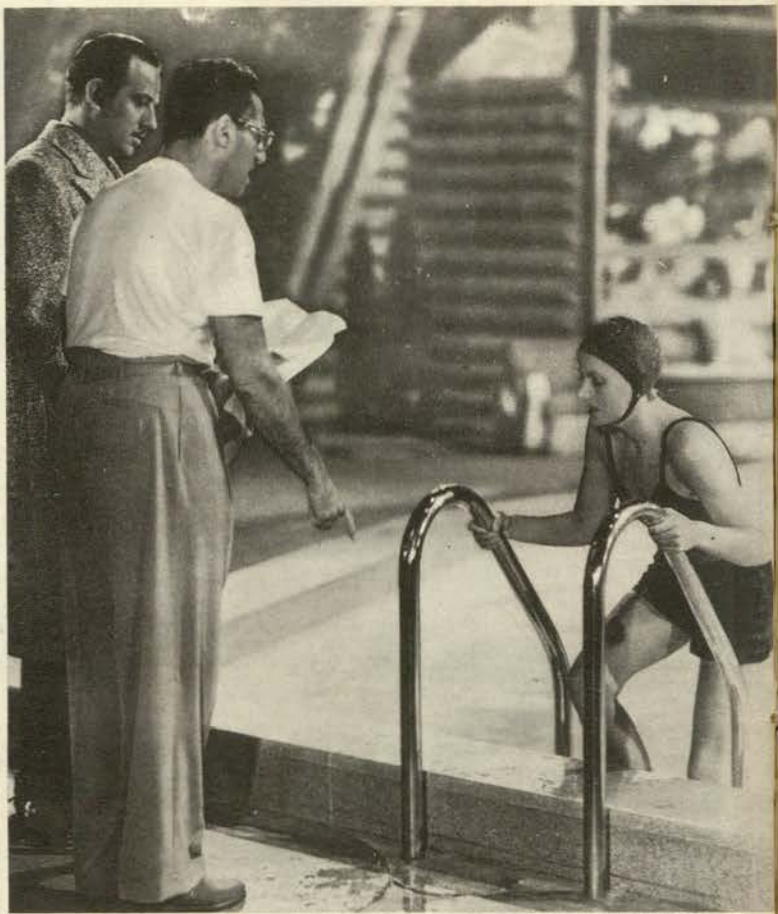
LANA TURNER

UM SENSACIONAL EXCLUSIVO DE «ANIMATÓGRAFO»

GEORGE CUKOR dirige GRETA GARBO

e MELVYN DOUGLAS em «TWO FACED WOMAN»





As quatro magníficas fotografias de trabalho que enchem esta página têm um duplo valôr: porque são raras aquelas em que se vê Greta Garbo em plena actividade no estúdio, e porque nos revela flagrantemente a autoridade do grande encenador George Cukor — autoridade que se verifica não ficar de forma alguma deminuida pela categoria excepcional da vedeta, que aliás, mostra a atenção e disciplina que estão dentro das tradições dos estúdios de Hollywood.





2.ª série / N.º 56 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

1 de Dezembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A Espanha acaba de promulgar

um importantíssimo diploma de protecção ao Cinema Nacional

CRÉDITO CINEMATOGRÁFICO

para a produção de filmes e que pode atingir 40 % do custo das películas

6 PRÉMIOS PARA OS MELHORES FILMES

Dois de 400.000 pesetas
Quatro de 250.000 pesetas

CONCURSO DE GUIõES

com cinco prémios de 50.000 pesetas cada um

4 PRÉMIOS PARA FILMES CURTOS

cada um dos quais no valor de 25.000 pesetas

BÔLSAS DE ESTUDO

para estágio de técnicos em estúdios estrangeiros

A Espanha acaba de fazer perante o mundo uma demonstração de como se fomenta e como se protege uma indústria de cinema. Com efeito, a última semana, no país vizinho, foi assinalada por acontecimentos decisivos, para a indústria fílmica, que se podem enunciar da seguinte forma:

1.º) Promulgação duma lei destinada a satisfazer as seguintes finalidades:

a) Facilitar créditos, aos produtores, para a realização de filmes;

b) Premiar, com avultadas somas, os melhores guiões e as melhores películas;

c) Criar bôlsas de estudo para que os técnicos nacionais possam fazer estágios nos estúdios estrangeiros.

2.º) Publicação dum diploma de protecção aos documentários nacionais. Em todos os programas cinematográficos, deverá ser exibido um filme espanhol, de pequena metragem.

3.º) Inauguração dum ciclo de conferências na CIRCE.

4.º) Presença, em Madrid, das Comissões de Cinema alemão e italiano, com o propósito de fixar acôrdos cinematográficos com a Espanha.

5.º) Partida da Delegação Espanhola que foi tomar parte nas sessões do Câmara Internacional do Cinema, em Munich.

Se o cinema, em Espanha, não singrar num mar de rosas, não será, por certo, por lhe faltarem incitamentos e estímulos oficiais, nem a desvelada atenção das personalidades e organismos que têm encaminhado os seus passos. Os acontecimentos a que nos referimos, fruto de longos e transcendentes estudos, falam por si.

A protecção do Estado

Mercado vastíssimo, com cêrca de 1.200 salas, o cinema espanhol não atingira o desenvolvimento a que tinha jus, à data da Revolução Nacional. A indústria estava desorganizada, o Estado ignorava-o pràticamente e a produção vivia de esforços isolados, que não atingiam tantas vezes a sua finalidade, num reflexo de desorientação geral, que enfranquecia a Espanha.

O Govêrno de Franco, desde o primeiro instante, ainda em plena guerra, procurou remediar a situação, criando os organismos necessários para o estudo e orientação da indústria cinematográfica. Manuel Augusto Garcia Viñolas assumiu a chefia do Departamento do filme, pôs a sua inteligência, a sua audácia e a sua fôrça de vontade ao serviço dos superiores interêsses do Cinema Nacional.

Num propósito deliberado, por um lado; e como conseqüência da política de reconstrução financeira, empreendida pelo govêrno de Franco, por outro — a importação de filmes estrangeiros foi restringida e seleccionada. Além disso, a entrada de filmes foi condicionada ao pagamento de avultada somas, que revertiam para um fundo de protecção à cinematografia espanhola, arrecadado pelo Sindicato Nacional do Espectáculo.

A dobragem obrigatória de tôdas as fitas faladas em língua estranha veio avolumar as receitas obtidas.

O plano pôsto em prática, cuja pormenorização o espaço não consente, assemelha-se muito ao italiano e difere consideràvelmente do alemão. No fundo, a diferença que vai da organização do próprio Estado Espanhol, que é sindicalista, para o socialismo do III Reich.

Vantagens do subsídio e mecânica do mesmo

O diploma promulgado pelo Ministério do Comércio e Indústria, facilita créditos, como dissemos, aos produtores espanhóis. Êsses créditos nunca podem ir além de 40 por cento dos orçamentos globais da produção e começarão a ser amortizados a partir da data em que o filme iniciar a sua exploração.

O produtor, candidato a semelhante subsídio, deverá apresentar ao S. N. E. «o guião da película que pretenda realizar, o orçamento total da mesma, o plano financeiro da operação, a relação do pessoal artístico e técnico que nela intervirá e todos os dados de carácter complementar, julgados necessários».

Em face dêsses elementos, o Sindicato concederá, ou não, o empréstimo, até à quantia de 40 % da verba total. E o subsídio será concedido semanalmente, perante os documentos dos pagamentos a efectuar, nesse lapso de tempo, e na proporção da percentagem aprovada. Isto é: o S. N. E. resolve emprestar 30 % do custo dum filme, orçado em 1.000.000 de pesetas. Iniciada a realização o produtor verifica que, no fim da primeira semana tem que pagar, por conta dessa produção, 1.000 pesetas. Apresenta no Sindicato os documentos comprovativos da despesa e recebe 300 pesetas, ou seja 30 % dos encargos da semana. E assim por diante — até não haver pagamentos a fazer.

A amortização do empréstimo é a inversa desta operação. Logo que o filme se começa a exibir, o Sindicato cobrará, agora mensalmente, 30 % das receitas arrecadadas — até perfazer o total do empréstimo.

Tomas Borras, o grande escritor espanhol, chefe do Sindicato Nacional do Espectáculo, enumerou em poucas palavras o extraordinário alcance desta medida:

1.º) Fazer com que o guionista, ou seja, a primeira matéria do Cinema, possa desenvolver as suas iniciativas, sem preocupação de as reprimir. O guião actual — se tomarmos em linha de conta que não se amortizava uma película que custasse mais de um milhão de pesetas (no caso mais favorável) — tinha que ser, por fôrça, de índole restricta, pois essa premissa económica obrigava a não fugir dos temas, que pudessem trazer encargos incomportáveis. De futuro, o guião será aquilo que tiver que ser, biològicamente falando.

2.º) Melhorando a sua extensão estética e os meios plásticos que o enformam, o filme deverá ser lògicamente melhor — e nestas condições teremos mais probabilidades de criar um cinema universal, e não êste cinema de trazer por casa, que temos tido até aqui.

3.º) A cinematografia fica livre de monopólios. Todos poderão ser produtores.

4.º) Põe côbro às operações de usurários.

5.º) Facilita a rapidez da produção e favorece o aumento numérico da mesma.

6.º) Cria, a meu ver — é ainda Tomaz Borras que fala — o ambiente psicológico propício para que a profissão cinematográfica *(produção)* seja um trabalho sério *y sin picaresca*.

Prémios avultados para os melhores filmes e guiões

São avultados os prémios propostos para os melhores filmes e para os melhores guiões.

Todos os anos, em Junho, o Sindicato Nacional do Espectáculo, classificará os melhores filmes produzidos nos últimos doze meses, para atribuição dos seguintes prémios: dois, de 400.000 pesetas (cêrca de 1.000 contos), cada um; e quatro, de 250.000 pesetas. Haverá ainda quatro prémios de 25.000 pesetas, para os filmes de curta-metragem, visto os seis primeiros se destinarem exclusivamente às produções de fundo.

Uma das características mais curiosas dêste plano de fomento e incitamento é a seguinte: «a entidade produtora que obtenha um dêstes prémios distribuirá 20 por cento da quantia do mesmo pelos técnicos e artistas que, na opinião do Sindicato Nacional, se hajam tornado credores da participação, pela contribuïção dada ao êxito artístico da película».

(Continua na pág. 11)

Nova versão duma grande epopeia cinematográfica

A PATRULHA DA ALVORADA

(DAWN PATROL)

QUE SE ESTREIA EM PORTUGAL, SIMULTANEAMENTE, NOS CINEMAS **TRINDADE** E **BATALHA** DO PORTO

Extraordinárias interpretações de: **ERROL FLYNN** Basil Rathbone, David Niven, Donald Crisp



★

Realização de **Edmund Goulding**

★

Uma produção **Warner Bros**

★

Exclusivo da **S.I.F.** Sociedade Importadora de Filmes

★

MAIS DE 10.000.000 DE PESSOAS viram já o filme máximo da aviação

PANORÂMICA

O Tricentenário

Por iniciativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas, a cuja Direcção preside, com invulgar autoridade, o nosso camarada Luiz Teixeira, vai comemorar-se o tricentenário de «A Gazeta», primeiro jornal que se publicou em Portugal e Lisboa, no ano de graça de 1641, *com tôdas as licenças necessárias e privilégio real.*

«Animatógrafo» associa-se à homenagem prestada a Lourenço de Anvers, o tipógrafo que a editou, aproveitando para agradecer a votada colaboração que deve aos tipógrafos e outros artistas gráficos da Editorial Império, da Fotogravura Nacional e da Litografia Portugal. Não esquece também o quadro de artistas gráficos das Oficinas do Jornal do Comércio e das Colónias e da Neogravura, onde primeiramente foi composto e impresso o nosso jornal.

Por não poder vir mais a propósito «Animatógrafo» publicará no próximo número uma «Pequena História da Imprensa Cinematográfica em Portugal».

Pereira Saraiva

Por lapso, na legenda de uma das fotografias que publicámos no último número subordinadas à rúbrica «À hora do almôço no «Pátio das Cantigas», dissemos que um dos comensais era o actor Carlos Alves, quando na realidade se trata do seu colega Pereira Saraiva. É êste excelente artista, aliás, que interpreta no filme de Francisco Ribeiro um dos três «Irmãos Marques». Os outros dois são Armando Machado e Reginaldo Duarte. Carlos Alves personifica o «Engenhocas», conforme já se noticiou. Do equívoco pedimos desculpa a Pereira Saraiva e aos nossos leitores.

«Legendas de pé quebrado»

As «legendas de pé quebrado» — conforme Domingos Mascarenhas as apodou num recente editorial — continuam a grassar nos filmes ùltimamente estreados. Algumas excedem tudo quanto a antiga musa canta.

Uma das películas de maior interêsse actualmente em exibição ostenta disparates como estes: *défaite* (derrota) traduzido por «defeito» (!), *chancelier* (chanceler) traduzido por «conselheiro» — além de muitas outras expressões inadequadas, como «colorir bacilos» em lugar de «corar bacilos», etc. Um verdadeiro chorrilho!

É claro que o filme é assás prejudicado com semelhantes tolices. Quando se aperceberão desta verdade os srs. distribuidores?

Os nossos retratos-brindes

Circunstâncias alheias à nossa vontade obrigaram-nos a suspender temporàriamente a publicação das separatas com retratos de artistas de cinema. Estamos procurando remover as dificuldades que nos forçaram a tomar essa resolução, e esperamos consegui-lo muito brevemente. Podem os nossos leitores ter a certeza de que «Animatógrafo» não descansará enquanto não obtiver êsse desiderato — e podem ter a certeza de que pouco falta!

O EXEMPLO DE ESPANHA

Desmentindo estrondosamente um provérbio que deve vir aí de alturas de 1485, de Espanha, da Espanha libertada, amiga e vizinha, sopra «bom vento». E tudo se propicía para que entre o Cinema Espanhol, agora emancipado, e o Cinemazinho Português, agora nos primeiros tem-tens, se possa celebrar «bom casamento», em tudo semelhante àqueles que se combinavam entre as duas côrtes, quando os infantes eram ainda infantes, mas já treinavam a tenra cabecinha para agüentar um dia com o pêso da corôa.

Nêsse tempo, os que governavam cá e lá pensavam longamente no futuro. O mesmo agora acontece, graças a Deus! Mas nem sempre as coisas que a modernidade tornou mais importantes são tidas e tratadas como tais.

Por exemplo: o Cinema.

Imagine-se que ainda há quem o considere «res minima», coisa de pouca monta, diversão domingueira, mania de ociosos e de histéricas!... Palpite-se que ainda há conselheiros muito conselheiros que o delegam para as profundas das artes discutíveis, das actividades menores, das brincalhotices sem conseqüências. Surdos e cegos — mas não mudos, infelizmente! — não vêem o que se passa em tôda a parte, nem mesmo O QUE SE PASSA CÁ. Não vêem que as nações preocupadas e ocupadas com a guerra mais espantosa, e vasta, e grave, de todos os tempos, em vez de desprezarem e abandonarem essa «insignificante coisa» que é o Cinema, a salvaguardam, e a defendem, e a aplicam de todos os modos, por todos os processos. A Alemanha, a Inglaterra, nenhum dêsses actuais consumidores de gente, mobiliza ou reclama para a guerra o mais ínfimo artífice dessa «sétima arma» formidável, para não perder, na retaguarda e no estrangeiro, a batalha dos ecrans, tão importante como as outras. Não só continuam a produzir filmes como produzem mais que nunca, procurando produzir melhor que nunca.

E isso porquê? Porque não há carro blindado, Stuka ou Hurricane capaz de conquistar o que conquista um filme. Porque não há invasão que se compare à invasão luminosa das «estrêlas», sexta coluna amável, «Subconscient Service» eficacíssimo, organização pacífica mais apta à conversão que outra qualquer.

Nêste número se diz até que ponto a Espanha compreende o valor incalculável da sua Cinematografia como parte integrante e inalienável do património nacional. Um decreto decisivo, em que se aplicam, um a um, todos os princípios que pessoalmente vimos defendendo há um rôr de anos, prègando «aos peixes surdos dêste lago fundo», acaba de ser promulgado pelo Govêrno Espanhol. Lá estão todos os apoios, todos os incentivos, tôdas as protecções que sempre reclamámos para as nossas fitas, por imprescindíveis. Lá está o CRÉDITO, lá está o PRÉMIO, lá está a CONSIDERAÇÃO OFICIAL... Tudo o que é preciso — e nada mais além do que é preciso. Crédito facilitado com as necessárias garantias e exclusivamente a favor dos filmes convenientes. Crédito recuperável na mesma proporção em que é facultado, exigindo isto mas concedendo aquilo, bem diferente dos métodos de usura que a lei condena por um lado para não facultar nenhuns diferentes por outro, e ficando muito tranqüila com a sua consciência legal por estabelecer uma taxa máxima de juro.

Prémios reais, palpáveis, consideráveis, que recompensam a valer aqueles que os recebem, e não são simples pretextos para almoçaradas ou sessões solenes. Prémios que não tresandam a gorjetas, metidas nas mãos dos criados que serviram ao país um prato mais delicado — romance, quadro, sinfonia ou filme.

Consideração oficial traduzida em bons articulados na fôlha do govêrno, e com a garantia autêntica da Lei assegurando a sua aplicação, e não simples texto platónico, que não tem quem o aplique nem paga a quem incumbe defendê-lo.

Na Espanha de hoje não haverá mais quem se atreva a menosprezar, a ralar, a asfixiar a gente do Cinema. Em vez de recearem o ridículo de tomar a nuvem por Juno, não querem os governantes espanhóis cometer a leviandade insigne de tomar a gloriosa Juno por uma simples e miserável nuvem.

Que o seu exemplo de mártires conscientes dos autênticos valores da Hora que passa sirva a quem o pode presencear de perto.

«Arriba España!»

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A Guerra e os «Astros»

Um telegrama de Reykjavik, capital da Islândia, datada de 21 de Novembro, informava o seguinte:

«Chegou aqui o actor de cinema Douglas Fairbanks Júnior, agora oficial da Marinha de Guerra americana. Fairbanks foi imediatamente reconhecido pelos cinéfilos, sendo assaltado pelos seus admiradores para lhes dar autógrafos. A vida comercial da cidade ficou paralisada enquanto a multidão admirava Douglas, quando êste entrou na cidade.»

A popularidade dos actores de cinema não é uma fantasia dos «publicity men»!

Mas ocorre preguntar, em face dos efeitos perturbadores que a presença dos «astros» causa no serviço militar, e considerando também a sua ausência dos estúdios: «Onde poderão os artistas de cinema ser mais úteis ao seu país — nas fileiras do exército ou em frente dos aparelhos de filmar?»

«Filmagem», de Gouveia

Recebemos do nosso colega «Notícias de Gouveia», semanário que se publica na linda vila da Beira Alta, um exemplar que inclui um suplemento cinematográfico dirigido por J. Oliveira Santos, suplemento por sinal muito bem feito e que se intitula «FILMAGEM». «Filmagem», de Gouveia, vai no seu N.º 4.

Agradecemos a atenção.

NOTÍCIAS DA EUROPA

Suíça

JACQUES FEYDER dirige nos estúdios de Basileia o filme «UNE FEMME DISPARAIT»

De todo o cinema europeu, o cinema sérvio deve ser, sem dúvida, o menos conhecido. No entanto a Suíça, que tem um importante mercado cinematográfico, localizado em três das suas mais importantes cidades, Genebra, Zurich e Basileia, possui também uma indústria cinematográfica que, se não apresenta a importância da de outros países, nem por isso mesmo deixa de ser digna de com ela se contar.

Com a eclosão da guerra o cinema suíço, com a volta ao país de determinados elementos — técnicos, artistas, capitalistas que até então empregavam a sua actividade noutras nações, especialmente em França — acusa um desenvolvimento, pronúncio talvez de uma importância, a tomar em conta num futuro mais ou menos próximo. Além disso estão presentemente em estudo os projectos de três estúdios, em Montreux, Vevey e Geneve, tendo para o desta cidade sido organizada uma emprêsa com um capital de cêrca de dez milhões de francos suíços.

O Filme de Jacques Feyder

Um acontecimento de sensação pela categoria enorme do seu nome no cinema mundial, foi a indicação de Jacques Feyder como realizador dum importante filme suíço, acontecimento de tanta maior importância e repercussão porquanto se trata do primeiro filme daquele categorizado realizador depois do comêço da guerra.

De facto Feyder, financiado por capitais suíços, está a dirigir nos estúdios da Frobenius, de Basileia, o filme «Une femme disparait», que apresenta a particularidade de quási tôda a equipa técnica, excepção feita de quatro elementos franceses, ser tôda nacional, sendo vários dos intérpretes, principais, suíços também. A colaboração prestada pelos artistas franceses chamados a nele intervir é destinada a prestar ao filme o «cachet» necessário à sua expansão mundial.

O «scenario», tirado por Jasques Feyder duma novela de Jacques Viot, baseia-se numa acção psicológica, desenvolvendo-se sôbre uma trama policial de aspecto original, decorrendo o seu entrecho nos lagos de Lugano e de Lucerna, nas montanhas de Valais, onde Feyder situou parte da acção do seu filme mudo «Visages d'Enfants», e nos jardins das margens do lago Leman.

Entre os artistas franceses que tomam parte no filme encontram-se a mulher do realizador, a grande actriz Françoise Rosay, que aparecerá sôbre quatro aspectos diferentes, Therèse Dorny, Claude Dauphin e Henri Guisol, actor que no empresário das «Três Valsas» teve uma criação deveras notável.

Os segundos papéis do filme serão preenchidos por jovens estreantes, revelados através dum concurso radiofónico.

Um filme sôbre a Cruz Vermelha

Nos estúdios de Basileia, os mais importantes da Suíça, a Cinevox, com sede em Montreux, está a produzir um filme em que a acção da Cruz Vermelha Internacional é, por assim dizer, a ideia base do argumento, «L'Oasis dans la Tourmente», assim se intitula a película.

Dirigida pelo encenador suíço George Depallens, segundo um argumento de Jean Hort, a acção do filme inicia-se numa aldeia francesa, durante as ceifas, um pouco antes do conflito actual, terminando o filme depois de passada a tormenta, quando a mesma terra volta a renascer para a vida.

Interpretam o filme, que tem a colaboração directa da Cruz Vermelha, o actor francês Fernand Bercher, nome cuja popularidade a guerra veio prejudicar, no papel dum camponês francês e as artistas suíças Eleanore Hirt, na figura duma enfermeira da Cruz Vermelha, e Floriane Sylvestre, que viverá a personagem duma aldeã francesa, criada duma herdade atingida pela guerra.

Outros filmes novos

A Suíça, que até agora se especializara quási na produção de filmes curtos, em que tinham lugar de destaque — películas de vanguarda — até há pouco, antes de partir para os Estados Unidos, Hans Richter, o chefe incontestado do vanguardismo cinematográfico actual, realizou naquele país vários filmes — está como se vê a encaminhar-se decisivamente para a produção de filmes de grande metragem.

Além daqueles dois que acabamos de falar, ficou agora concluído um outro, falado em dialecto alemão, que tem por título «Der Doppelte Mathias und seine Föchter», cujos exteriores foram filmados em Emsiedeln, Euthal e Oleryberg com artistas do teatro municipal de Saint-Gall e do Schauspiehaus de Zurich, sendo êste filme uma produção da Ideal Films de Genève.

Vai entrar em produção um outro, também falado em língua alemã, da Gotthard Films e que será tirado do romance de Carl Spiteller «Konrad, der Leutnant».

Alemanha

As últimas produções da TERRA FILM

Da actual produção alemã vamos indicar alguns nomes de filmes presentemente em realização ou que acabam de sair dos estúdios da Térra, uma das mais importantes casas produtoras alemãs.

● FRIEDEMANN BACH, em que é focada a figura dum dos filhos do grande Johann Sebastian Bach, e grande músico também, tem por intérpretes Gustaf Grundgens, o inesquecível chefe dos mendigos de «Matou» Leny Merenbach, Johannes Riemann, Camilla Horn, Eugene Klöpfer, Sabine Peters e Wolfgang Liebneiner.

● Desta mesma casa produtora é o filme DIE SCHWEDISCHE NACHTINGALE, uma biografia da famosa cantora sueca Jenny Luid, «o rouxinol da Suécia», figura que no cinema americano Grace Moore há anos interpretou já, Ilse Werner e Jennie Lind, e com ela aparecem Joachim Gottschal e Carl Ludurg Diehl.

● ROSEN IN TIROL, tirada da opereta «Der Vogelhander», de Karl Zeller, é o título do novo filme de Gelza von Bolvary, especialista incontestada dos filmes musicais, de cuja distribuição fazem parte Marte Harell, de que não há muito publicámos a fotografia, Johannes Heesters, Erika von Thelmann, Dont Kreysler, Julia Serda e os conhecidos cómicos Hans Moser, Theo Lingin e Leo Slezak.

● Kirsten Heiterg, René Deltgen, Lotte Koch, Rolf Weih, Ernst Waldow e Rudolf Schindler são os principais intérpretes do filme policial ACHTUNG! FEIND HÖRT MIT!, de que Arthur Maria Rabenalt é o realizador.

● HERMANN PFEIFFER é o encenador dum outro filme de ambiente policial e misterioso que tem por título FALSCHMÜNZER e cuja distribuição inclui os nomes de Kusten Heiberg, Rudolf Tirnau, Hermann Speelmans, Karin Humboldt, Herman Brix, o actor que interpretou já em vários filmes alemães a figura de Tarzan, que Johny Weissmuller popularizou, Max Gulstorff e Theodor Loos, que continua a trabalhar, desfazendo-se assim o boato que correra de que tinha sido fusilado por espionagem.

Espanha

Filmes em realização

Eis agora títulos de filmes presentemente em trabalho nos estúdios espanhóis, que continuam produzindo em cheio:

● Em Barcelona, nos estúdios Kinefon, filma-se LA MADRE GUAPA, dirigido por Felix de Pomés, que apareceu há anos em numerosos filmes alemães, e tendo por intérpretes Mercedes Vecinio na protagonista, Luis Garcia Ortega, Luis Prendes, Rosita Pomés e Luis Porredon.

● TORBELLINO é o título do novo filme de Estrelita Castro, cujo argumento, da autoria de Gutirrez Navas e Martin Cabrera, foi escrito expressamente para ela. Tomam ainda parte no filme, que Luis Marquina dirige e de que Goldeberg foi o operador, o nosso compatriota Tony D'Algy, Manuel Luna, Manolo Moran, que teve uma criação de relêvo na figura do empresário de «Sarazate», e Xan de Bolas, figura popular de Madrid. Produção da Cifesa.

● Mary Delgado, Vicente Soler, Lola Flores, Gonzalo Llorens, Juan Cortés e Ildefonso Cuadrado são os intérpretes da comédia de ambiente rural, que Torremocha dirigiu e Albert Arroyo fotografou, UN ALTO EN EL CAMINO.

● Nos estúdios Chamartin, de Madrid, Fernando Delgado terminou FORTUNATO com Carmen Carbonelli, a jovem e simpática Florencia Becquer, Antonio Vico e Anselmo Fernandez. O argumento foi tirado pelo realizador da peça dos Irmãos Quintero. Enzo Riccioni foi o operador. Êste filme é um dos mais importantes da recente produção espanhola, tendo sido para êle construídos nada menos de que quarenta «décors».

● ROJO E NEGRO é como se intitula o filme que Carlos Areval presentemente dirige nos estúdios de Chamartin, e cuja acção se passa durante a guerra civil, no lado dos vermelhos. Conchita Montenegro, verdadeira vedeta internacional, pois já trabalhou em França, Itália e em Holywood, e Ismael Merlo são os protagonistas, aparecendo a seu lado Concha Latorre, Blanguita Suarez, Ana de Siria, Sepulveda e Emilio Garcia Ruiz. O italiano Riccioni e o espanhol Fraile são os operadores

● A Hispano Films, na impossibilidade de conseguir a colaboração de aMurice Chevalier para o filme GUADALQUIVIR, escolheu Albert Prepean para o substituir. Além disso, Imperio Argentina será substituída por Conchita Montenegro, recentemente chegada da Itália, onde tem trabalhado ùltimamente. O filme será realizado nos novos estúdios de Chamartin, de Madrid.

«ANIMATÓGRAFO» EM HOLLYWOOD...

À HORA DO RECREIO...

pelo nosso «enviado especial»
A. DE CARVALHO NUNES

Hollywood, 30 (via (aérea) — Não fui ontem com Jack Hall ver uma fita em que entra o Robert Taylor a cavalo, por duas ponderosas razões: porque acho que, o apreciável artista, a pé «iria mais depressa» e porque nos cinemas de Hollywood não há intervalo. Ora uma sala com a Avenida Vasconcelos e Sá tôda a noite às escuras é um desconsôlo.

Preferi dar dois dedos de conversa à Katherine Hepburn. Gabam tanto a sua inteligência que calculo ser uma excepção neste meio.

Realmente, inteligente é ela; dispensou-me dos elogios habituais e reconheceu logo que eu era estrangeiro. Explicou-me depois: — «Se fôsse americano, não se sentava de costas para aquela garrafa de «Whisky», teria ligado o aparelho de T. S. F. sem me pedir licença, só para saber o resultado dum desafio de «box», e estava já a esta hora a pedir-me pormenores do meu último escândalo».

À saída surpreendeu-me mesmo, quando me disse:

— «Não negue; Você é de Lisboa!»

— ?!!

— «Fala com um acento o mais *Arch of the Flag Street* possível...

Arrependido de lhe ter dado tanta confiança mas, no íntimo, radiante com uma notícia fresca que ela me confiara antes, fui procurar o meu inseparável companheiro.

Deixei-o transbordar de entusiasmo pelo Taylor com a multi-secular paciência dum indígena das margens do Nilo, e quando o vi voltar a si, quis intrigá-lo com estas herméticas palavras: — «Amanhã, Hollywood diverte-se!»

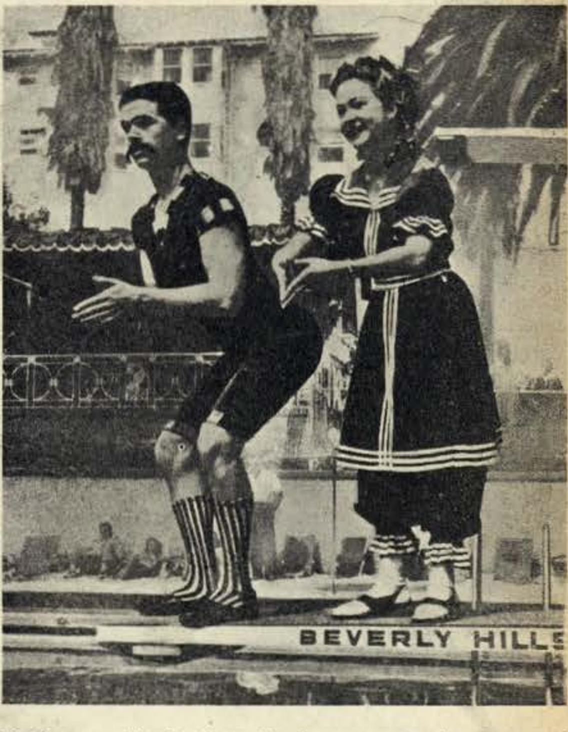
Então o imperturbável Jack sacou da algibeira um vistoso cartão e, fingindo não reparar na minha cara desolada, ofereceu-mo.

Segundo o valioso convite, o «Animatógrafo» era rogado a assistir ao *Milton Berle's 1900 Bathing Party*, que teria lugar no dia seguinte.

Fiquei tão satisfeito que fui até à porta do hotel a cantarolar o «Menina Vamos ao Vira», exercício a que me entrego freqüentes vezes para ver se me esqueço da «Balalaika».

Estou como o outro: aquilo só visto! Até vi um senhor dos seus 50 anos com uma cabeleira de criança e de balde e pàsinha na mão... mas não nos precipitemos.

Se não fôsse o Jack ter antecipadamente explicado o que se iria passar, julgar-me-ia senão num outro mundo, pelo menos recuado 41 anos no tempo, o que criaria para mim um problema de «ser ou não ser» que só um filósofo profundo como o Capra (Vide *Horizontes Perdidos*) seria capaz de resolver.



Jackie Cooper e Bonita Granville formaram um dos pares mais convictamente «1900» que apareceram na festa do Beverly Hills Hotel



Foi assim que se apresentaram Marie Wilson, Buster Keaton e Judy Garland. Tiveram um êxito louco!

«As a matter of fact», tratava-se duma festa em honra de Mack Sennett, oferecida pelo sr. Mitlon Berle na praia artificial do Beverly Hills Hotel.

Creio que não se pode dizer mais em tão poucas palavras.

Com efeito, o leitor ficou duma assentada, sabendo: 1.°) que há hoteis na América que se dão ao luxo de ter uma praia artificial, só para que os fatos de banho das hóspedas se não tracem nas malas; 2.°) que o sr. Milton Berle tem muita pena de ter uma grande fortuna; 3.°) que Hollywood não se esquece, com muita razão, de Mack Sennett; e, finalmente, 4.°) que está explicada a evocação do ano de 1900 e da festa se realizar numa praia.

Cada qual integrou-se o mais possível na época, envergando inverosímeis fatos de banho. Os homens é que deram a nota cómica, trazendo chapéus de palha e mesmo de coco e ostentando vigorosos bigodes, porque uma mulher quando é bonita resiste a tudo. A Judy Garland até me pareceu favorecida, e, aqui para nós, a Patti Mc Carty, que passou de secretária ou dama de companhia da Lamour a estrêla de cinema, estava amorosa com um laçarote de seda preta no cabelo e umas meias ainda mais pretas, de fio de Escócia, para as quais havia forçosamente que se olhar...

A Marie Wilson, que se quere lançar à viva fôrça, apresentou-se paradisíaca com um «maillot» — 1942, mas fazia figura de anúncio luminoso... em Loures.

Já a Lamour tem desculpa em ter aparecido como apareceu (não se descreve), porque essa, como é sabido, chega a constipar-se quando se veste.

O Mack Sennett, enternecidíssimo, olhava para aquilo tudo como estivesse a realizar o seu primeiro filme de banhistas.

Ao ver todos aqueles astros e estrêlas brincando como crianças grandes, arremessando uns aos outros pratos cheios de creme e atirando-se à água com modos pretenciosos e solenes, a imitar as damas dos outros tempos, senti-me de repente numa colónia de férias ou no pátio dum colégio à hora do recreio.

E a minha imaginação gaigou o Atlântico e veio cair em paraquedas na cêrca dum liceu — onde, por estranho paradoxo, a hora do recreio nunca ia além dos dez minutos.

As capas de
Animatógrafo
são executadas em foto-lito da FOTOGRAVURA NACIONAL e a impressão em off-set é da LITOGRAFIA PORTUGAL

A posição do Brasil no conceito dos produtores de Hollywood



A bailarina brasileira Eros Volusia, que acaba de ser contratada pela Metro Goldwyn, à sua partida para Hollywood

O itinerário dos pensamentos dos homens de Hollywood reduz-se, às vezes, a escalas determinadas de onde é impossível fugir. É como se a geografia da actualidade girasse em tôrno de pontos fixos. Três ou quatro pontos são proprietários da atenção dos que dirigem a complicada máquina do cinema, excluindo o resto do mundo. Agora, para êles, todos os aviões vão dar ao Rio de Janeiro; todos os navios vão directamente à capital carioca. Não há mesmo tempo para o descanso em portos intermediários — êsses pontos inventados pela astúcia dos directores das companhias de navegação para que o viajante não se incompatibilize com o mar...

Os rumos que tomaram os acontecimentos políticos mundiais mostraram que as emprêsas produtoras de filmes de Hollywood tinham e têm no Brasil os seus mercados que podem não ser os mais rendosos, mas que são, sem dúvida, os mais garantidos e seguros. O cinema não foi esquecido no plano de política de boa vizinhança estabelecido entre os Estados Unidos e o grande continente brasileiro. A música norte-americana, que tem o cuidado de fortalecer o amor nos corações moços, espécie de tónico destinado a desfazer as dúvidas dos jovens «yankees», deixou-se influenciar pela música brasileira que ainda está no período lactário. O «Quero mamar» é o «slogan» absoluto das melodias cariocas, lírico e inciente grito que se tornou infalível nas canções destinadas ao êxito das melhores orquestras americanas.

Quem é John Hay Whitney?

Foi John Hay Whitney quem expôs às autoridades do Brasil o respectivo projecto de intercâmbio cultural e artístico. Multimilionário tem dado o seu apoio a uma série de iniciativas da mais alta repercussão, contribuindo dêsse modo, em larga escala, quer para o progresso do teatro quer para o desenvolvimento da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Foi ao Brasil, não só com carácter pessoal, mas também no desempenho de missão que lhe foi incumbida pela Comissão de Coordenação das Relações Pan-Americanas, dirigido por um dos Rockefellers.

Whitney foi o animador de tôdas as experiências iniciais do tecnicolorido. Financiou o primeiro filme que adoptou tal processo, «Cucaracha», bem como o segundo «Becky Sharp» — películas produzidas pela «Pioneer Pictures» sem nenhum lucro financeiro, antes pelo contrário com avultados prejuízos. Mas John Hay Whitney sentiu se compensado porque o tecnicolorido triunfou, dando êle próprio oportunidade a que se filmasse «Gone with the wind», película em que inverteu quatro milhões de dólares através de Selznick. Foi, também, o homem que financiou «Rebecca» e tem colaborado na encenação de mais de trinta peças teatrais uma das quais «Life with father» está no cartaz do Empire, de Nova York, há um bom par de anos. Muitas dessas obras têm fracassado, mas outras assinalaram êxitos perduráveis — o que dá grande alegria a John Hay Whitney, o qual sempre intervem desportivamente em tôdas as iniciativas por aprêço aos autores ou às obras representadas. Sempre que financia um filme ou uma peça de teatro, dedica-se intensamente ao trabalho nesses sectores artísticos, participando assim, de maneira efectiva, da boa ou má ventura das obras que patrocina. O seu nome fica ligado ao destino das suas iniciativas por forma indestrutível. Não é como outros «anjos» — «anjo», na gíria teatral norte-americana. é o capitalista que fornece o dinheiro necessário para a movimentação de empresários em dificuldades — que só se metem nesses negócios quando têm em mira a beleza desta ou daquela artista, que só entram nas «caixas» dos teatros atraídos por interêsses que não são só, realmente, artísticos...

Filmes de Hollywood com ambientes do Brasil

Já em Agosto, do ano passado, o produtor cinematográfico Walter Wanger, um dos elementos de destaque na organização da United Artists, havia estado no pavilhão do Brasil, na Feira Mundial de Nova York, na companhia de sua esposa, a artista Joan Bennett, numa noite em que, aliás, também estavam presentes os artistas cinematográficos e radiofónicos Nancy Carroll, Arline Judge e Jimmy Bryant. Wanger, em conversa com o comissário geral brasileiro na referida Feira salientara, então, que o Brasil é, actualmente, o maior mercado estrangeiro para os filmes america-

(Conclui na pág. 14)

Os típicos «pratinhos» de Hollywood...

FRANCHOT TONE substituiu Joan Crawford por uma bailarina de 18 anos



Franchot Tone com a sua segunda mulher assistem a um espectáculo em Hollywood quando ainda eram apenas noivos

No auge, então, da sua popularidade e do seu prestígio incontestado de grande vedeta, certo dia, ante o espanto de tôda a colónia cinematográfica, que tinha o casal Crawford-Fairbanks Júnior como um dos mais felizes de Hollywood, e desmentindo o que afirmara numa entrevista sensacional concedida ao jornalista James Fidder, Joan Crawford requere o divórcio, alegando a clássica incompatibilidade de carácter, o motivo mais simpático, mais à mão, de todos os esposos americanos sedentos de liberdade. E o que mais estranheza causou e mais confusão estabeleceu foi o facto de tanto um como outro, quando as ocasiões se proporcionavam na roda de amigos ou entre os camaradas de estúdio tecerem-se mùtuamente os mais rasgados e efusivos elogios, as mais desvanecedoras palavras de simpatia que uma pessoa a outra pode dirigir...

No entanto, e contra o que é normal entre os divorciados amigàvelmente de Hollywood, ninguém mais os viu juntos. Douglas Fairbanks Júnior, que não procurava disfarçar o desgôsto que a resolução de Joan lhe causara, procurava até, a todo o transe, não se encontrar com a sua ex-mulher. Festas onde Crawford comparecesse, Douglas recusava o convite. Reüniões de amigos comuns, nunca os conseguiriam juntar.

Passados os primeiros tempos, tudo se esclareceu, tôda a gente compreendeu a razão do divórcio. É que aparecera em Hollyñood, contratado pela mesma companhia a que Joan pertencia, trabalhando nos mesmos estúdios em que ela começara a sua carreira, um rapaz que trazia atrás de si o prestígio do teatro de Nova York, senhor dum personalidade vincada e possuidor duma independência de carácter a que Hollywood não andava habituado a encontrar entre os habitantes da sua colónia cinematográfica.



Desde que casou com Franchot Tone, Jean Wallace deixou de aparecer nos palcos americanos vestida apenas com duas ventarolas...

Joan Crawford e Franchot Tone — era êle o homem em questão — poucos meses passados selavam pública e legalmente os seus destinos, numa atmosfera de auspiciosa satisfação e felicidade.

Tudo parecia indicar que o casal Tone, iria, pela constância dos seus sentimentos conjugais juntar-se àqueles matrimónios de artistas que fazem excepção no ambiente, de tumultuosa agitação, dos negócios sentimentais de Hollywood.

Dois anos durou êsse romance de amor.

De facto, certo dia, os acontecimentos que anos antes tinham marcado o fim do casamento de Joan e Douglas, repetiam-se agora, precisamente da mesma forma, com Franchot Tone. E êste, cuja carreira cinematográfica nessa altura se mostrava periclitante por virtude da insipidez dos argumentos que lhe davam para interpretar, troca por Nova York, onde o esperava um lugar de primeiro plano no teatro, a Califórnia, onde o cinema e o amor lhe não tinham sido de todo propícios.

É inegável que Hollywood exerce nos que por lá alguma vez passaram a mais irresistível tentação. As horas más, os momentos desagradáveis, tudo o sol da Califórnia apaga e faz esquecer. Haja em vista o que se deu com Simone Simon, que tinha razões de sobra para detestar cordialmente Hollywood e que um dia, rendida, voltou para junto daqueles mesmos que, uns anos antes, tinham sido para ela os mais antipáticos e hostis que é possível.

Foi assim que Franchot Tone, vai para um ano, voltou a Hollywood.

E os nomes de algumas vedetas começaram a andar ligados ao nome do ex-marido de Joan Crawford. Carole Landis, nova vedeta da Fox, Olivia de Havilland, Gene Tierney e Gloria Vanderbilt, foram algumas delas

E agora, um acontecimento decisivo na carreira sentimental de Franchot Tone — o seu recente e imprevisto casamento.

A noiva é Jean Wallace, uma elegante e loira beldade de dezoito anos, que há pouco apareceu integrada numa «tournée» de Earl Carroll, o conhecido empresário, continuador da tradição dos espectáculos de Florenz Ziegfeld, com lindíssimas mulheres e deslumbrantes guarda-roupas e espectaculosos cenários, e da qual ela era uma das mais categorizadas «girls». Hoje está sob contrato da Paramount, aparecendo pela primeira vez no cinema no filme «Louisiana Purchase», um grande êxito do teatro levado ao cinema.

Foi em Yuma, no estado de Arizona, que há poucos dias, a cerimónia se realizou perante o juiz Henry C. Kelly, depois dos noivos terem feito de Hollywood a viagem de avião, vestindo a noiva na ocasião um elegante «tailleur» côr de tabaco, chapéu e sapatos verdes e mala da mesma côr... Nesse mesmo dia voltaram de novo, de avião para Hollywood.

Franchot Tone tem 36 anos. Miss Wallace, nascida em Chicago a 12 de Outubro de 1923, é diplomada pela Austin High School daquela cidade. A sua família — o pai era caixeiro viajante — deslocou-se para a Califórnia em 1940. Ùltimamente, pouco antes de casarem, ela e Franchot Tone tinham-se tornado companheiros inseparáveis. Todos os dias, invariàvelmente êle lhe telefonava para o estúdio.

Isto, no entanto, não impediu que os amigos ficassem surpreendidos com o enlace O caso deu-se tanto em segrêdo que a própria mãe da noiva só soube do casamento da filha depois dos recencasados terem voltado de Yuma...

JAIME DE CASTRO



O casal Tone-Wallace pouco depois do seu casamento. Poderá chamar-se-lhe «auspicioso»?

Montagem rápida de notícias frescas

«CAMISA DE ONZE VARAS» é nome do argumento original de Brum do Canto que êste realizador espera realizar depois de «Lôbos da Serra».

★

O filme da «EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS» estreou-se no Brasil alcançando um êxito invulgar.

★

Parece que o operador ARTUR COSTA MACEDO está disposto a fixar residência no Brasil onde se encontra a filmar alguns dos aspectos da viagem de António Ferro.

★

Jorge Brum do Canto, além de «Camisa de onze varas», tem quási pronto outro argumento que intitulou «ESTRADA NOVA» e que também pretende realizar.

Nos laboratórios da Lisboa-Filme, ADOLFO COELHO concluiu um filme de grande metragem sôbre o Linho de que foi operador e principal colaborador Manuel Luiz Vieira.

★

Esteve em Lisboa o operador portuense ANTÓNIO MENDES que visitou os estúdios da Tobis Portuguesa, assistindo a algumas filmagens de «O Pátio das Cantigas».

★

«FANTASIA», o extraordinário filme de Walt Disney, já foi projectado no Tivoli. A sua estreia está marcada para breve.

★

No próximo dia 5 repete-se na sede do CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES a exibição dos filmes suecos, húngaros e alemães que já foram projectados naquela sala.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

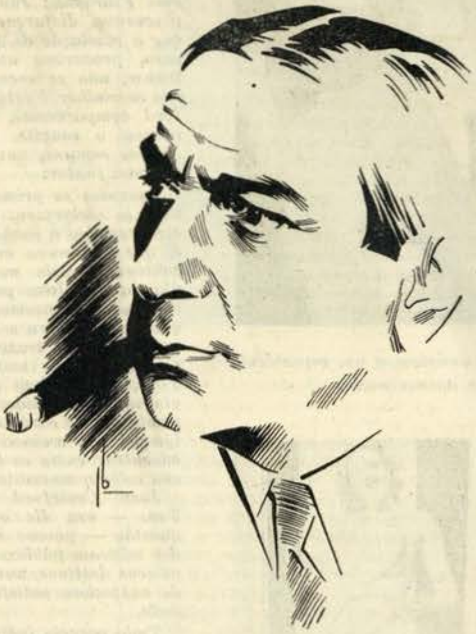
ERNST LUBITSCH vai dirigir Carole Lombard e Jack Benny no filme da U. A. «TO BE OR NOT TO BE»

Como já a seu tempo nesta página noticiámos, Ernst Lubitsch ao deixar a United Artists, onde dirigiu para a companhia produtora subsidiária daquela, a Mayfair, de que êle e Sol Lesser eram sócios, o filme «No que pensam as mulheres» há pouco estreado entre nós, logo ingressou na 20th Century Fox, na qual imediatamente passou a ocupar lugar de tão grande importância no campo cinematográfico, como é o de produtor, alcançando assim, mercê da sua excepcional personalidade de homem de cinema, um dos «top places» da Fox.

Lubitsch, que se preparava para dar início à sua colaboração com a emprêsa de Movietone City, produzindo e dirigindo êle próprio o filme «Self made Cinderella»— em que Ginger Rogers mais uma vez interpretará a figura duma jovem e simpática empregada de escritório, em luta com as convenções e as dificuldades do dia a dia, das quais sai por fim triunfante e contente — não pôde dar realização ao seu projecto, em virtude do produtor, Alexandre Korda, em nome da United Artists lhe exigir o cumprimento do que restava ainda do seu pacto com aquela emprêsa ou seja a realização dum outro filme, a que se comprometeu ao fundar-se a Mayfair Productions. É por isso que Lubitsch não pode ainda ocupar o escritório que Darryl Zanuck lhe destinara para seu quartel general no «lot» da sua emprêsa, vendo-se na necessidade de adiar os trabalhos do seu primeiro filme para a Fox.

Assim, voltou êle a Formosa Avenue, onde vai dirigir o seu novo filme, que como não pode deixar de ser, será uma comédia mais ou menos *sophisticated*, em que o inconfundível e aliciante «Lubistch touch» aparecerá para delícia, certamente, dos futuros espectadores do filme. Êste tem o título hamletiano de «To be or not to be» e nele aparecerão como vedetas dois artistas que jamais tinham trabalhado sob a direcção do homem do «Desejo». São êles Carole Lombard, a insinuante Mrs. Gable, que depois de longos meses de ausência, desde que interpretou para a RKO «O Sr e a Sr.ª Smith» volta ao estúdio, actriz que, diga-se de passagem, deve ficar maravilhosamente num filme de Lubitsch, e Jack Benny, um comediante notável, figura de primeiro plano da rádio e do cinema americano, cujo nome por circunstâncias várias, não tem ainda a menor projecção no público português.

Rudolph Mate, o competentíssimo operador francês há muito nos Estados Unidos, autor da fotografia da «Batalha de Trafalgar», será o fotógrafo do filme. É êste, até, o seu primeiro trabalho do novo contrato de três anos que assinou com o produtor Korda.



Ernst Lubitsch

Vaughn Paul, o marido de Deanna Durbin, saíu da UNIVERSAL

Desta vez o caso foi a sério!

Como devem estar lembrados, não há muitos dias os jornais, em telegramas de Hollywood, davam conta dos boatos de desinteligências surgidas entre a Universal e a sua mais categorizada e popularizada vedeta, Deanna Durbin, desacôrdos e discordantes pontos de vista que levaram a companhia a suspendê-la, e de que o marido da vedeta, Vaugh Paul, foi o involuntário móbil, em virtude da enérgica atitude de Deanna ao pretender defender a situação e a carreira futura daquele na companhia em que ambos trabalham, e em que Vaugh Paul, depois de ter sido ajudante de operador, se viu guindado, mercê de influências da que deveria vir a ser sua mulher e da decisiva interferência de Joe Pasternak, seu descobridor e seu grande amigo, à categoria de assitente de realizador primeiro e, últimamente, à de produtor associado. Para êle tinham os dirigentes da Universal destinado, segundo os seus próprios comunicados, como seu primeiro cometimento nessa nova situação, um filme que tinha por título «Mermaid in Destress» que deveria ter tido início em princípios de Setembro.

Ora, essas notícias, que foram tomadas por muito gente à conta de mera publicidade, sem qualquer base séria a confirmá-las, eram desta vez, a expressão autêntica dos acontecimentos pouco agradáveis que no meio da emprêsa fundada pelo velho Carl Laemle vinham de há um certo tempo para cá decorrendo. O resultado de tôda essa luta é-nos dado por uma notícia que nos chega de Hollywood, revelando-nos de que nada valeram a Deanna Durbin os seus esforços em defesa da situação do marido, pois que êste se viu obrigado a resignar das funções que desempenhava na Universal, dizendo-se que Vaugh Paul abandonará definitivamente o cinema para empregar noutro campo a sua actividade.

A propósito dêste caso, que como é natural tem sido o assunto de sensação nos meios do cinema americano, aponta-se o facto da saída de Pasternack da Universal de ter sido para Deanna Durbin, e quem sabe mesmo se para a sua carreira futura, um golpe da maior importância e projecção, estando também tôda a gente segura de que se êle ainda estivesse em Universal City nada disto teria acontecido.

O contrato de Deanna Durbin com a Universal termina em 1943.

Charles Chaplin de novo a contas com os tribunais

Vai para um ano, os tribunais americanos eram chamados a intervir num processo iniciado em França, contra uma das mais célebres figuras do cinema — Charles Spencer Chaplin. O autor do processo era nem mais nem menos que alguém que fôra um dos seus mais sinceros amigos e um seu defensor denodado nas colunas da notável revista que era «Theatre et Comédie Ilustrée», isto é, René Clair. O assunto do pleito era a acusação de plágio lançada pelo realizador de «Milhão», que afirmava ser «Tempos Modernos» uma cópia servil do seu «Vive La Liberté». O caso fez correr rios de tinta, tanto na América como na Europa, mas no fim sem resultado algum, pois a acusação foi dada como não provada. Quem deve ter ficado pior foi René Clair, que ficou, como é natural, sem a amizade de Chaplin.

Recentemente, uma vez mais, os tribunais de Nova York tiveram que dirimir uma questão idêntica, de novo contra Chaplin, embora desta vez associado à United Artists. Agora o promotor da acção era o escritor húngaro Konrad Bercovici, há anos vivendo nos Estados Unidos, que exigia nada menos de cinco milhões de dólares por perdas e danos, pois reclamava como sendo sua a ideia do filme de Charlie Chaplin «The Great Dictator».

O processo terminou agora, pois a acusação foi considerada como improcedente, não sendo reconhecida a Bercovici a paternidade da ideia basilar do penúltimo filme de Chaplin.

Para o «bouquet» estar completo foi pena José Padilla, o inspirado compositor espanhol de tantas belas páginas, autor da célebre «Violetera» que Raquel Meller popularizou, não ter pedido, por sua vez, aos tribunais, castigo contra Chaplin, que se apropriou daquela canção e fez dela o «leit motiv» de «Tempos Modernos», como sendo obra sua.

Uma nova vedeta: Maria Montez

Mais uma vez os mares do sul servem de pano de fundo à acção do novo filme da Universal «South of Tahiti», que conta as aventuras dos tripulantes duma escuna que um tufão fez aportar a uma ilha deserta, onde impera a vontade e a tirania duma mestiça de beleza irresistível.

São intérpretes do filme um novo nome de Hollywood, Maria Montez, que é realmente uma formosíssima mulher, a que o *sarong*, género Dorothy Lamour, empresta ainda maiores encantos, Brian Donlevy, hoje figura de grande prestígio do cinema americano, Broderick Crawford, o conhecido e irresistível Andy Devine, Henry Wilcoxon, H. B. Warner e a bailarina Armida, que vimos não há muito em «Vamos dançar a Conga». George Waggner é o realizador.

Os «secundários»... de primeira ordem

Claude Rains



Claude Rains, tal como aparece no papel de pai de «As Quatro Filhas», que veremos em breve

Ainda os cinéfilos não o conheciam e já podíamos falar de Claude Rains como de um grande actor cinematográfico. Diremos mesmo mais: ainda só tinha aparecido uma vez na tela, um só plano, a sua cara e já uma criação inesquecível se podia lançar na sua conta de personagem importante do mundo do Cinema. Paradoxo aparente mas de fácil explicação. É que Claude Rains, foi o intérprete principal — colossal e vigoroso intérprete — duma fita famosa em todo o mundo: «O Homem Invisível». Era êle que incarnava a personagem famosa de H. G. Wells. Só no fim quando morria e desaparecia o efeito maravilhoso da substância que milagrosamente o tornara invisível é que, pouco a pouco, a sua imagem nos surgia e mesmo assim já parada, morta — mesmo assim já só na interpretação da morte.

Maneira original de um actor cinematográfico começar uma carreira, caso talvez único dentro de tôdas as artes de representar, caso cheio de atractivos, evidentemente, mas também com dificuldades que só um grande talento dramático conseguia dominar.

Quando foi convidado para interpretar para o Cinema «O Homem Invisível», Claude Rains era já um actor de fama e de grande aceitação nos palcos ingleses e americanos. Nascido em Londres em Novembro de 1886 logo em 1892, isto é, com seis anos apenas, se estreara no palco, onde nunca mais deixou de trabalhar. Fez os seus estudos sempre representando e só quando já era elemento de grande cotação dentro das companhias dramáticas, foi trabalhar na América do Norte. Foi num palco da Broadway que os produtores de «O Homem Invisível», o descobriram depois de várias tentativas infrutíferas para encontrar o intérprete que convinha para aquele caso especial. Os produtores tinham medido bem as circunstâncias e ponderado, com tôda a razão. que o «Homem Invisível» não podia ser um actor conhecido. Se o fôsse grande parte do mistério, portanto do interêsse da personagem e da acção, tôda construída à sua volta, desvanecia-se. Um Clarck Gable, um Gary Cooper ou outro no «Homem Invisível» não servia comercialmente falando. Em «Fantomas» de que também só se via a cara no fim do filme os franceses tinham adoptado a táctica de só revelarem o nome do seu intérprete, Fernand Galland na última legenda. E nem isto resultava para o caso porque no dia seguinte à estreia todos saberiam que «O Homem Invisível» era o Cary Grant, ou o Victor Mac Laglen ou outro qualquer dos grandes actores do cinema inglês ou americano. E lá se ia o principal efeito.

Por outro lado, para fazer o «Homem Invisível» não podia ser um actor qualquer. Havia que construir tôda uma fita à volta duma personagem que estava privada da sua presença visual.

Era preciso aguentar uma acção agitadíssima só com a voz, só com o fluido, com o domínio dos tempos de representação, medidos pelos objectos e pela representação falada. Só um grande actor conseguiria esta vitória e só um actor abnegado aceitaria êste papel. Caiu a escolha em Claude Rains que, então, triunfava na Broadway, e não podia ser coisa mais acertada. Claude Rains teve ai um colossal triunfo, mas foi um triunfo de repercussões modestas porque o público limita-se a sentir os êxitos e não a meditar nas suas razões. Também os produtores cinematográficos não lhe deram imediatamente as compensações que merecia.

Claude Rains apareceu-nos depois noutra grande criação, ao lado de Joan Bennett, em «O Homem que perdeu a cabeça» fita que passou em Portugal sem despertar as atenções. Seguidamente foi contratado para a Warner. Trabalhou em «Robin Wood», «Batalha do Oiro», «White Banners» e outras. Poucos serão, talvez, os cinéfilos que tenham feito justiça de fixar as suas interpretações. Mas há uma, recente, de que não podem ser esquecidos. Referimo-nos a «Peço a Palavra!», onde Rains interpretava o senador amigo de James Stewart. Ao lado de Jean Arthur, de Stewart, Edward Arnold e de todo o colossal elenco, Claude Rains conseguia ser, e a certa distância, quanto a nós, o melhor de todos. Nem mesmo o discurso de Stewart, meio construído com a dramatização dos efeitos da situação, nem mesmo o vigor de Arnold, dominaram a extraordinária naturalidade de Rains, o transparecer da consciência preocupada que justificava aquela cabeça prematuramente branca e o patético da cena final do Senado daquelas onde só um grande actor triunfa.

Ao incluir Rains nesta galeria de grandes valores cinematográficos de primeira ordem, chamados «secundários» pela fôrça das circunstâncias, «Animatógrafo» presta uma homenagem das mais justas e recomenda a todos os seus leitores que sigam de perto a carreira de Claude Rains por ser dum dos melhores intérpretes do Cinema mundial

F. G.

Como a Espanha protege o seu cinema

(Conclusão da pág. 3)

O decreto a que nos vimos referindo, estabelece ainda um concurso de guiões, com cinco prémios de 50.000 pesetas, cada um.

Observadas as condições — só podem concorrer autores nacionais ou hispano-americanos. com residência em Espanha — o Sindicato adquirirá os cinco melhores trabalhos apresentados a concurso. O guião, propriedade do S. N. E., será cedido, com todos os direitos, à Emprêsa produtora que mais garantias ofereça duma perfeita execução do mesmo.

O Sindicato Nacional do Espectáculo institui dez bôlsas de estudo, para aperfeiçoamento da técnica cinematográfica, em cada uma das seguintes modalidades: Realização, fotografia, laboratório, montagem, som, caracterização, efeitos especiais, filmes culturais, actualidades e organização da produção.

Os bolseiros terão um estágio de seis meses no local da Europa onde as respectivas modalidades estiverem mais aperfeiçoadas. Receberão 5.000 pesetas por mês e são obrigados a enviar, mensalmente, um relatório desenvolvido da sua actividade.

Se da memoria que deverão apresentar findo o estágio, e de acôrdo com as informações colhidas pelo Sindicato, se depreender que o bolseiro teve bom aproveitamento, o S. N. E. passará os diplomas que acreditam o saber do técnico estagiário.

A despeito de tôdas as facilidades concedidas; dos prémios e incitamentos; da ausência de concorrência das grandes produções americanas; da existência de magníficos estúdios; do concurso de técnicos estrangeiros; de cêrca de 1.200 salas, constituindo um mercado importantíssimo — o cinema espanhol não atingiu ainda categoria internacional. Tomaz Borras afirma, sem rodeios, que êle está ainda na fase «de trazer por casa». E a Espanha produz hoje cêrca de 50 películas de grande metragem, por ano.

À primeira vista, parece que deveríamos descrer de tantos esforços levados a cabo, de tantas e tão desveladas protecções. Mas uma indústria, como a do cinema, leva tempo a fazer. E o diploma, cujo teor enunciámos, destina-se, sobretudo, a melhorar a qualidade de produção.

Quando preguntaram a Tomaz Borras qual a posição do cinema espanhol no mundo, êle pôs o problema com a sua franqueza proverbial e com incontestável bom senso.

— Por agora, falemos apenas da Europa. Da Europa, com todo o respeito e carinho. Na Alemanha, organizou-se a Câmara Internacional de Cinematografia, cuja vice-presidência foi dada à Espanha. Quando se ultimaram os tratados com a Alemanha e a Itália, nos quais têm intervenção delegados do Instituto da Moeda e do Departamento da Cinematografia, a posição da Espanha na cinematografia europeia estará determinada por estes factores: Directora e Colaboradora. Por isso, torna-se indispensável melhorar as nossas produções.

Oxalá as medidas tomadas neste sentido, sob tão bons auspícios, se traduzam no desenvolvimento e prestígio da cinematografia espanhola.

FERNANDO FRAGOSO

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1371 — MELITA SARREIA CABRAL *(Lisboa)*. — Respondo àquele postal que me enviou apenas para agradecer a *Benjamina* as saudações que esta leitora lhe dirigiu. — Há muito que não recebo notícias suas.

1372 — UMA BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — Vou responder, duma assentada, a quatro cartas tuas, que chegaram ao mesmo tempo às minhas mãos, se bem que, entre a primeira e a última, medeie mais dum mês. — Tenho muita pena de não ter estado presente à vossa festa, para te ver, feita Carmen Miranda, a cantar sambas. — É lamentável, de facto, que Vv. aí só tenham bons filmes, de longe em longe. Alguns dos que inumeras, são, para mim, totalmente desconhecidos A Cecilia Parker tem 36 anos, que completou a 26 de Abril. Calculo que ficarás admirada com a idade dela, pois nos filmes da Família Hardy ninguém lhe dá mais de que 18. Não sei se sabes que já é mamã. — O Tyrone Power fez 27 anos, em 5 de Maio p. p. — Já informei a Redacção de que te interessas por uma foto de Richard Green. — Transmito as tuas saudações a *Balalaika, Rey... sem trono, Bob Taylor, I love Madeleine Carroll, Luiz XV, Rei da Ilha do Faial, Mickey Rooney e Cinéfilo da Ilha Azul.*

1373 — UMA INGLESINHA GLAMOROSA *(Funchal)*. — Enviei, há dias, algumas fotografias para ti. Não vão tôdas as que pedistes, mas depois mandarei as outras. Estou agora ansioso por que me digas se gostaste. — Gostei muito da tua carta. Tenho a maior simpatia por ti, ao contrário do que chegaste a supor, e desvanece-me o interêsse que tomaste por *Animatógrafo* e por mim, tanto mais para exaltar, quanto é certo que falamos uma língua que não é a tua. — É difícil dizer-te qual é a artista estrangeira que os portugueses preferem. Talvez a tua compatriota Deanna Durbin. — Muito curioso o que me contas sôbre a Maureen O'Hara, que conheceste em Londres, há quatro anos, e que foi tua parceira de ténis. Podes escrever-lhe para a R. K. O. Radio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Em Portugal, não se fazem ainda filmes de grandes metragens porque o mercado é pequeno e não nos permite êsses luxos, à americana. No entanto, há filmes que têm interêsse para as platéias estrangeiras. Os que citas, evidentemente, não figuram nesse número.

1374 — AQUELA GAROTA *(Funchal)*. — A maneira mais prática de obteres a foto do Tyrone Power é solicitá-la directamente. Se mandares 25 cêntimos, em cheque ou «coupons» internacionais (informa-te numa casa bancária) conseguirás, pela certa, o que desejas. — A felicidade dum casal é uma coisa difícil de garantir. Há os que se dão pèssimamente e representam, na sua vida exterior, a comédia do amor, com requintes, que convencem; Há os que são felicíssimos e que nos parecem indiferentes e desinteressados. No caso particular a que te referes, o par Annabella-Tyrone Power, devo declarar-te que me pareceu felicíssimo. De resto, em Hollywood êles logo que se fartam ou incompatibilizam desatam o nó que deram, e vão tratar da vida para outro lado. Daí, supor que o «Ty» e a Annabella se entendam bem... — Além da tua carta, referente à data de 19, nada mais recebi. Agradeço-te, vivamente, apesar de não saber do que se trata.

1375 — MORENINHA INSINUANTE *(Funchal)*. — Viva, *insinuante leitora!* Há muito, de facto, que não tinha o prazer de te ler. Espero que, de futuro, me escrevas com mais assiduidade. — Se gostas tanto de Lisboa, porque não vens até cá?! Avalio as tuas tentações, a bordo do Serpa Pinto. E, para nós, lisboetas, o Funchal é a terra da Promissão. Ninguém está contente, com a sua sorte... — Podes escrever ao Richard Green, para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Idem, no que diz respeito ao Tyrone. — Transmito as tuas saudações ao *Robert Taylor, I love Deanna Durbin, Oubli, Rey... sem trono, Sempre Sonhador, Deram-lhe uma Espingarda e Conde Axel de Fersen da Suécia.*

1376 — DESCONHECIDO *(Pôrto)*. — Pareces-me demasiado injusto, com os filmes portugueses. Por certo, não podemos competir com o cinema americano. Os nossos filmes valem pelo que são e não por aquilo que tu querias que êles fôssem. — Obrigado pelas letras das canções que me enviaste. Aqui deixo consigna do o teu pedido, respeitante à letra de *Cinderella*, se alguma leitora a tiver, estou certo de que a enviará — Graça Maria é, de facto, uma artista muito graciosa. Vê-la-emos, agora, no *Pátio das Cantigas.*

1377 — MARY LOO. *(Pôrto)*. — Calculo bem o teu desgôsto, com a demora das minhas respostas. Quisera eu ter espaço, e voar... voar... Mas, afinal, *Animatógrafo*, encerrou o pensamento «bel-tenebrosiano», nesta página, e não há, por agora, volta a dar! E ainda estamos com sorte, quando as mobílias do Alcobia não atravancam a casa... Quando êles aparecem, é sabido: fica a *Myrna* sôbre a mesa de cabeceira; a *Mary Loo* na casa de jantar; o *Bob Taylor* em cima da mesa da cozinha; é, enfim, uma desorganização assustadora. — Transmito a Tony o desejo que tens de te corresponder com êle.

1378 — CAVALEIRO DE RAGASTENS *(Lamego)*. — Edward Arnold nasceu em Nova-York a 18 de Fevereiro de 1890 — Adolfo Menjou, ao contrário do que muitos supõem, nasceu em Pittsburgh (Pennsylvania), a 18 de Fevereiro de 1891. O pai era francês, a mãe irlandeza. — Dispenso-me de dar pormenores sôbre Frank Morgan, porque, ainda há pouco, inserimos uma biografia sôbre êle.

1379 — REY... SEM TRONO. — *Chad Hanne* deve ser exibido entre nós no decurso da presente temporada. Chama-se em Portugal, *A Rapariga do Circo*. — José da Natividade Gaspar é colaborador de *Animatógrafo*. — Maë Mac Avoy, no seu novo filme para a Metro, vai interpretar um papelinho.

1380 — BOB TAYLOR. — Bela Lugosi: Universal Studios, Universal City, Califórnia. — Brenda Marshall: Paramount Pictures, Hollywood, Califórnia. — Transmito as tuas saudações a *Flor dos Alpes, Uma Admiradora de Deanna Durbin, Pinnochia* e *Sem Amor*. — Este leitor deseja conrresponder-se com *Pincesa dos Bosques*, e, possìvelmente (*a hipótese é minha*) sôbre assuntos de botânica.

1381 — SEM AMOR. — Viva! Era impossível votar-te ao esquecimento como chegaste a supor! Fizeste bem, pois, em repudiar essa ideia. Obrigado, pela justiça que me prestaste. — Achei curiosa a tua observação: o argumento de *A Vida duma outra* tem analogia com *O Primo Mário*, de Malheiro Dias. Talvez tenhas razão. — Esta época veremos, sim, pelo menos mais um filme com o «teu» Robert Taylor: *A Ponte de Waterloo* onde contracena com Vivien Leigh. Espero que não hajas perdido *Patrulha de Aguias*, onde êle tinha um excelente desempenho.

1382 — CONDE DE SAILE. — Se me escreveste antes da carta a que estou respondendo, então, por certo, já tiveste resposta. Verdade seja, que me não lembro de ter escrito o teu pseudónimo. Daí, possìvelmente, haver-se extraviada a carta. — António Lopes Ribeiro não pensa dirigir uma série de filmes de desenhos animados. Dizes-me que ouviste «essa» no Café Nacional. Mas olha que as melhores «mentiras» cinematográficas são as do Palladium. São melhores ainda do que os bolos de chocolate, que ali se comem... — As cartas para Graça Maria e Maria Domingas foram entregues oportunamente.

1383 — SCARLET. — A tua carta, esborratada com as lágrimas de alegria, que nela verteste, pela emoção que te causaram as minhas respostas, deixou-me desvanecido. — A Vivien Leigh é, de facto, uma figurinha de Saxe, a transbordar personalidade. — *Tudo isto e o céu também*, com Bette Davis e Charles Boyer será apresentado no decurso da presente temporada. Quando te disse que a principal intérprete era a Irene Dunne estava, por certo, a pensar na Lamarr ou na Lamour... — Greta Garbo está designada para interpretar o papel de *Madame Curie*. Spencer Tracy encarnará a figura do marido. Simplesmente: não se sabe, ainda, quando êsse filme se fará. — Esta gentilíssima leitora comunica a *Conde Axel de Fersen da Suécia* que acede a corresponder-se com êle, desde que êle seja o primeiro a escrever-lhe. A propósito, Scarlet, deverás enviar-me o teu nome e morada, pois embora saiba esta última, ignoro qual é o nome e não posso enviar-te uma carta que cá tenho para ti.

1384 — J. P. SOARES. — Podes escrever à Judy Garland para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1385 — PRINCESA DA SELVA. — O teu postal e a pergunta que nele me fazes, deixou-me embaraçado: «Porque motivo é que o Tyrone, tendo namorado a Sonia Henie e a Janet Gaynor escolheu a Annabella». Marcelino Mesquita já respondeu por mim, quando formulou a pregunta: «Pois se há tanto mulher, porque razão a nossa fantasia só uma escolhe e quere». Neste capítulo, a fantasia manda!... Se não ficares contente com a resposta, escreve outro postal...

1386 — PIMPINELA. — Enganaste-te, redondamente, com respeito à minha identidade. Nunca usei óculos, a não ser de vidros côr de rosa, para encarar a vida, depois de ler os jornais...

1387 — DOMINGOS ANTÓNIO JORGE *(Évora)*. — Se me escreveste, anteriormente a carta a que me reporto, já te respondi pela certa. — Em relação aos postais que te interessam, com fotos de vedetas de cinema, dirige-te à Tabacaria Condes, Praça dos Restauradores, ou então a Alberto Armando Pereira, Cinema Trindade, Pôrto.

1388 — ESTUDANTE CINÉFILO *(Lisboa)*. — Podes escrever em português à Deanna Durbin, para Universal Studios. Universal City, Califórnia. — Aconselho-te a que mandes, caso possas, 25 cêntimos de dólar, pois, de contrário, arriscas-te a não receber a desejada foto. — Daremos, sempre que possível fôr, canções de filmes — Obrigado, por teres escrito a tua carta à máquina. Nem tu sonhas quanto uma carta dactilografada facilita a minha missão.

1389 — FAN DE ALICE FAYE *(Lisboa)*. — Vamos a ver se consigo responder às inúmeras preguntas da série de cartas que

(Continua na pág. 14)

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«AS TRÊS NOITES DE EVA» (Paramount)

— O trabalho de PRESTON STURGES como autor e realizador.

— A interpretação de BARBARA STANWYCK (Eugénia).

— A interpretação de HENRY FONDA (Charles Pike).

— O bom nível das artes auxiliares.

«CONQUISTADORES» (Fox Filmes)

— A beleza pictural dos exteriores, devida aos operadores EDWARD CRONJAGER e ALLEN M. DEVEY, à colorista NATHALIE KALMUS, e à direcção de FRITZ LANG.

— A interpretação de SLIM SUMMERVILLE no cozinheiro medroso.

«UMA NOITE NO RIO» (Fox Filmes)

— Por ter atingido no Tivoli a QUARTA SEMANA de exibição.

«O Regresso do Par Invisível»

(Topper Return)

Sujeita à ideia base do primeiro filme do Par Invisível a Universal produziu uma nova produção do género a que deu o título de *Topper Return*.

Embora não possua os inúmeros atractivos do primeiro da série, é, porém, muito melhor que o segundo. Desta vez intercalou-se uma anedota misteriosa com crimes, desaparições e outras coisas complicadas que são parte integrante dos filmes dêsse género, com as *diabruras* e as situações criadas pela existência da mulher invisível, que, sem nós sabermos, porque cargas de água é que isso acontece, é o par que dá o título ao filme.

Verdade é que as situações são de tal modo cómicas que raro é aquele que não ri à vista de tais complicações.

Billie Burke, extraordinária artista cómica, exemplo flagrante da distracção permanente é a alma, o fulcro de todo o filme. Ela vale, indiscutìvelmente, todo o filme. Anderson, o preto, é também um bom elemento. Joan Blondel e Roland Young, ela a mulher invisível, êle o tímido Topper animam com vivacidade as personagens que têm a seu cargo.

Notáveis, e dignos de menção, todos os truca que já se podem considerar perfeitos. — J. M.

«As três noites de Eva»

(The Lady Eve)

Preston Sturges, que escreveu e realizou esta fita, deve ser homem de muito espírito e originalidade, pela graça e pela audácia das situações e soluções com que recheou «As Três Noites de Eva». Bastavam para denunciar a sua veia de humorista satírico uma série de pequenos apontamentos como a selvagem que se despede do guarda-costas, numa caricatura polinésica, o simbolismo da maçã e da serpente, a figura do milionário cervejeiro (Eugene Paulette) e a organização da sua casa, os apitos aflitos do combóio durante a noite de núpcias, o letreiro do túnel e aquela série interminável de quedas que Henry Fonda dá, até cair nos braços da Eva (Barbara Stanwick) sedutora e até esta o fazer cair na lama... duma gare de caminho de ferro numa noite de tempestade — sobretudo para as convicções do pobre filho do cervejeiro (Henry Fonda). Não só, porém, na invenção dos episódios Preston Sturges revela originlidade. Dentro do seu trabalho de encenador, que é perfeito, há também um espírito original sem excessos nem cabotinismos, bem doseado na sua grande clareza. Ilustram bem esta originalidade o monólogo do espelho de Barbara Stanwyck a comentar a timidez do cervejeiro Júnior, cobiçado por tôdas as mulheres de bordo, a marcação de algumas passagens do salão de festas dos Pike as duas cenas de sedução de Eva quando é Eva batoteira no seu camarote de bordo e principalmente quando é Eva... lady inglesa e goza a ingenuidade do jovem Pike.

Um elenco excepcional de bons actores secundários, de «secundários de primeira ordem» como Eugene Paulette, Charles Coburn e Eric Blore contribui com o acêrto das suas interpretações para o efeito e para a dinâmica condução da história cheia das mais vivas situações.

Henry Fonda e Barbara Stanwick patenteiam recursos extraordinários, ela dando humanidade a uma personagem artificial aguentando tôdas as dificuldades duma personagem que quási não fala e tem de expressar as mais diversas reacções nas mais variadas circunstâncias.

A simpatia que Barbara empresta à sua aventureira resulta, quanto a nós, da perfeita conta com que ela a fez apaixonar-se e humanizar-se conservando mesmo nas cenas em que troça um discreto interêsse pelo homem (Pike Jor.) de quem gosta. Esta minúcia notàvelmente correcta dá grande interêsse ao seu trabalho.

Fonda, não pôde evidentemente, empregar todos os seus inexgotáveis recursos de grande intérprete. Mas só quem tiver recurso de sobra faz, de maneira a torná-la tão notada, aquela personagem muda, ou quási.

Hans Dreier que foi o director artístico dêste filme realizou trabalho de grande categoria, digno em tudo, dos seus notáveis créditos de decorador cinematográfico. Igualmente a fotografia de Victor Milner e a música de Krumgold contribuem para o equilíbrio desta magnífica comédia. — F. G.

«Conquistadores»

(Western Union)

Entre os realizadores europeus que têm sido absorvidos por Hollywood, Fritz Lang foi dos que mais ràpidamente se adaptaram à atmosfera e aos métodos dos estúdios americanos — o que não deixou de causar certa surprêsa, dada a sua vincada personalidade e a liberdade com que estava habituado a trabalhar na Alemanha. Pôde verificar-se a facilidade dessa adaptação logo no seu primeiro filme americano: o admirável «Fúria». Mas a personalidade do grande encenador alemão, o seu estilo, a sua «maneira» transpareciam em tôda a obra, bem nìtidamente. O mesmo sucedeu nos filmes que dirigiu a seguir, como «Só vivemos uma vez» e «O Regresso de Frank James». Em «Conquistadores», porém, já não acontece semelhante coisa. Quem não soubesse que o realizador dêste filme fôra o autor de «Matou» e do «Testamento do Dr. Mabuse» — não seria capaz de o adivinhar. De Fritz Lang encontra-se apenas — e por vezes — a lentidão de *tempo* que lhe foi peculiar, mas já tão atenuada que deixou de ser reconhecível e significativa. Quere isto dizer que a encenação do filme não tem interêsse? De maneira nenhuma.

Como é sabido, Fritz Lang principiou por estudar e praticar pintura em Paris, e só depois é que se dedicou ao cinema. Êsses seus antecedentes revelaram-se singularmente frutuosos quando Fritz Lang começou a trabalhar com o *technicolor*. De facto, em «O Regresso de Frank James» encontravam-se certa busca de efeitos, certa combinação de côres, que eram talvez inéditas. *Sentia-se o pintor* na encenação do filme, especialmente na forma de tratar os exteriores. Em «Conquistadores» reencontra-se tudo isso, também.

Dada a similitude de géneros e dada ainda a distância que separou a produção dos dois filmes, é curioso comparar os exteriores de *Dodge City*, actualmente em exibição no Politeama, com os dêste *Western Union*. As diferenças saltam à vista. Em *Dodge City* a côr aparece apenas a *colorir imagens*, compostas como desenhos ou gravuras (lindas, por sinal!). Em *Western Union* a côr aparece já *a desenhar*, a compor volumes, a formar contrastes — como na verdadeira pintura.

Pena é que o argumento de «Conquistadores» (extraído por Richard Carson de uma novela de Zane Grey) não seja melhor do que é. Não lhe fazia mal nenhum um pouco mais de imaginação, na urdidura geral e na invenção de pormenores, e um pouco mais de vibração, de «nervo». Algumas situações têm interêsse, apesar de tudo, como a da abertura, como a entrevista com o chefe índio, como a solução do final. No entanto, debaixo do ponto de vista dramático, falta à intriga um certo tempêro violento, como pode faltar a um prato bem cozinhado, um pouco de pimenta ou de mostarda. Os intérpretes são bons, como sempre acontece, aliás, em filmes americanos. Randolph Scott faz o protagonista com correcção, lembrando Gary Cooper; mas êste é mais «vivo» e mais subtil. Robert Young pouco pode brilhar, e o mesmo direi de John Carradine, de Barton Mac Lane e duma nova actriz, Virginia Gilmore, que parece dispor de possibilidades. Dean Jagger, que vimos no chefe dos mormons em «Os Filhos de Deus», tem neste filme outro papel de relêvo, no qual são postas de novo em evidência a sua boa presença e a sua bela voz.

Slim Summerville, o velho e excelente Slim, tem talvez o melhor papel de todo o filme: a rábula do cozinheiro medroso, admiràvelmente desempenhada.

Assinam a fotografia os operadores Edward Cronjager e Allen M. Devey e a colorista Nathalie Kalmus. Das suas virtudes falam as palavras que atrás escrevi sôbre os exteriores. — D. M.

«O Correio de "Bel Tenebroso"»

(Conclusão da pág. 12)

me enviaste duma assentada. — Considero *Maria do Mar* o melhor filme de Leitão de Barros. — Basil Rathbone pronuncia-se aproximadamente *Béizil Racebone*. — Greta Garbo concluiu agora *A mulher de Duas faces*, que a princípio se intitulou *The Twins* (As Gémeas). Vai fazer, ao que se diz, uma película com o Mickey Rooney. — Podes escrever em português aos artistas do cinema americano. — Akim Tamiroff tem mais de quarenta anos. — Leonor de Eça morreu há tempo.

1390 — JACK HAGNEY, REI DOS COW-BOYS. — Confesso-te que nunca me «apeteceu» ser artista. Não duvido, claro, das minhas qualidades. Mas custa-me «matar» o Tyrone, o Gable e o Taylor... Quere dizer se pudesse tocar a campainha e acabar com a fama dêstes, para herdar as suas honras e proveitos, talvez não matasse os mandarins...

1391 — POETA VAGABUNDO *(Lamego)*. — Tenho muito prazer em receber-te nesta secção. Sê bem aparecida. — Tive o maior prazer em ler o teu jornalzinho escrito a lápis, com notícias e ecos sôbre cinema. É espantoso como conseguiste fazer 268 números, «editando» um por dia. Claro que êle, acima de tudo, documenta o teu amor e interêsse pelo cinema! E enquanto houver cinéfilos como tu, vale a pena fazer todos os sacrifícios e todos os esforços para levar a cabo esta tarefa gigantesca de vos dar um número de *Animatógrafo*, tôdas as semanas, a despeito das dificuldades que tornam mais árdua a tarefa daqueles que se votaram a essa missão. — A Grace Moore está retirada do cinema. Cantora de ópera, o seu verdadeiro clima é o palco. — O realizador de *A Oeste nada de novo* foi Lewis Milestone. Os principais intérpretes dêste filme foram Lew Ayres e o malogrado Louis Wolheim.

1392 — PERNAMBUCANO SONHADOR *(Coimbra)*. — Não estou nada de acôrdo contigo, quando me dizes que *Rebecca* acaba duma forma muito triste! Querias melhor «happy-end» do que aquele que o filme nos dá: Marido e mulher conquistam finalmente, a paz e a tranquilidade; Rebecca deixará de ser um

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

fantasma entre êles; a governanta morre queimada; o primo «chanteur» é corrido... A bem dizer só lhes falta sair a sorte grande do Natal... — Podes escrever às vedetas portuguesas por intermédio da nossa revista, solicitando as fotos respectivas.

1393 — JUDY GARLAND N.º 2 *(Lisboa)*. — Não concordo com a tua apreciação a respeito de *Tovarich*. O melhor filme de Judy Garland? Talvez *De Braço Dado*. — Escreve ao Henry Fonda para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Leslie Howard não está presentemente em Hollywood.

1394 — UM CAMINHENSE *(Caminha)*. — Alice Faye, camiinheiro amigo, faz parte do elenco da Fox. No momento actual, não filma, porque está à espera de ter um bébé, a quem nós podemos dizer «Bendita sea tu madre»... Escreve-lhe para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Para me escreverem, não é necessário porem-se a coberto dum pseudónimo.

1395 — ANTHONY ADVERSE. — O nome do herói do filme *Adversidade*, que adoptaste para teu pseudónimo, escreve-se com a grafia que poderás verificar no início destas linhas e não «Antoni Adversi», como reincides, neste teu postal. Morada de três artistas, «que não pedem dinheiro para mandar retrato»? Graça Maria, Maria Domingas e Leonor Maia. — Transmito as tuas saudações a *Eterna Garota*, *Conde Misterioso* e *Benjamina*.

1396—DEANNÓFILO *(Pôrto)*. — Felicito-te por haveres recebido uma foto autografada, 13×18, da Helen Parrish, com o simples dispêndio de 3$00 (10 cents) em selos do correio americano — Éste leitor declara que, sendo um grande e fervoroso admirador de Deanna Durbin, e interessando-se por saber o que os leitores e leitoras do «Animatógrafo» pensam acêrca dela e do seu triunfo tão rápido, oferece ao leitor ou leitora que lhe escrever a carta mais interessante sôbre Deanna Durbin, um retrato da mesma, autografado, com as dimensões de 14×10 centímetros. — A propósito, amigo *Deannófilo* deixa-me dizer-te que *autografado pessoalmente é* pleonasmo! E daí talvez tenhas razão, porque os autógrafos das vedetas são muitas vezes feitos pelas... secretárias!

A posição do Brasil

no conceito dos produtores de Hollywood

(Conclusão da pág. central)

nos — os quais perderam na Europa, em conseqüência da guerra, os únicos mercados que o podiam superar.

E dissera, nessa altura, que para vincular melhor a indústria de Hollywood a tal mercado pensava incluir nos planos da sua produção alguns filmes de ambiente brasileiro.

Entretanto, Carmen Miranda tornava-se ídolo do público americano. E não tardou que triunfasse em Hollywood como triunfara no teatro Broadhurst e no elegantíssimo «Versailles», de Nova York, e nas maiores estações de rádio americanas. A sua personalidade cheia de brejeirice, de irradiante simpatia e de encanto constituiu um dos melhores esteios para a política de boa-vizinhança. Dali em diante, muitos foram os artistas de Hollywood que ficaram «fans» da capital carioca levando nos olhos a beleza de Copacabana.

Norman Alley, o famoso operador que conhecemos em Lisboa e que fixara no celulóide a retirada de Dunquerque, foi ao Brasil filmar, expressomente, para a Metro as belezas do litoral e do interior. Douglas Fairbanks Júnior foi encarregado de missão especial pelo presidente Roosevelt para que se estabelecesse melhor conhecimento entre os países do continente americano. Walt Disney e a sua equipa de artistas foram acolhidos entusiàsticamente e regressaram à capital do cinema, não só com grande provisão de temas brasileiros, mas ainda transformados em arautos da propaganda do Rio de Janeiro.

Eros Volusia a mais recente artista «pescada» no Brasil...

«Não pretendemos obter a vossa amizade, apenas, no momento presente, mas sim continuar a merecê-la agora como no futuro, daqui a cinqüenta, a cem, a duzentos anos!» Estas foram as palavras de John Hay Whitney, ao apresentar ao Brasil, o seu largo plano de intercâmbio cultural e de propaganda através do cinema.

De facto, os tempos passaram e os produtores americanos continuam com os olhos postos no grande e importante mercado sul-americano. O Brasil perdoa êste ou aquele deslize ao retratarem o ambiente do seu país. Só o nome «Rio», brilhando nas fachadas dos cinemas dos Estados Unidos, onde cada indivíduo é turista incumbado, representa para êles uma grande coisa. E os americanos divertem-se a valer com o inglês «pidgin» de Carmen Miranda, aprendido de ouvido com aquela espantosa intuição que ela tem revelado sempre na sua fenomenalíssima carreira.

A par disso, para cimentar melhor essa política em que tanto se empenham uns e outros, a gente de Hollywood «pesca» novos atractivos do Brasil. Agora, chega-nos a notícia da chegada a Nova York de Eros Volusia, a criadora do «bailado brasileiro», contratada pela Metro para figurar numa película cuja filmagem terá início em Dezembro. Antes, havia recusado quatro contratos para os Estados Unidos. O primeiro garantia-lhe setecentos lólares semanais. Era uma oferta do «Sirius», a famosa «boite» de Hollywood. O segundo era para S. Francisco. O empresário Hopkins propunha-lhe estadia e passagens de ida e vilta com quinhentos dólares semanais. Um terceiro contrato, o do empresário Fisher, destinava-se a uma revista na Broadway e a bailarina teria de apresentar-se com as suas discípulas. Ofereciam-lhe quatrocentos dólares por semana, passagens, hospedagem e guarda-roupa. O quarto contrato, feito pelo «Martinique», clube nocturno de Nova York, tentava-a com quinhentos dólares semanais também com as despesas pagas.

Eros Volusia recusou-os, ao que parece, porque todos êles a obrigavam a uma permanência na América do Norte de, pelo menos, três anos.

Optou pela proposta da Metro: quatro semanas de filmagem com inteira liberdade.

E não mentimos se dissermos que o público norte-americano aguarda com ansiedade a aparição no celulóide de Eros Volusia — que se tornou célebre com a reportagem fotográfica que a «Life» lhe dedicou.

AUGUSTO FRAGA

«Os três Codonas»

Uma família de acrobatas que desafiou a morte

Brevemente a *Portugal-Filmes, Ld.ª* vai apresentar no *Ginásio* um filme sensacional: «Os 3 Codonas». Éste filme que foi produzido pela *Tobis* de Berlim é a história do célebre grupo de acrobatas que são os únicos que executam o tríplice salto mortal. O público vai assistir a um espectáculo invulgar de três artistas desafiando a morte. Há momentos de grande emoção, tais como as acrobacias no trapézio, o desastre e o tríplice salto mortal.

Interpretam as figuras dos 3 Codonas — mortos estùpidamente em sucessivos desastres — os artistas René Deltgen, Lena Norman e Ernst von Klipstein.

Além dêstes outros grandes artistas completam o elenco de «Os 3 Codonas», Annelies Reinhold, Harold Paulsen e Karl Kahlmann. Arthur Maria Rabenalt realizou êste filme que tem música de Peter Krender e se estreia brevemente no Ginásio.


OS 3 CODONAS













Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



A beleza serena e romântica de LINDA DARNELL, que ascendeu rápidamente no firmamento de Hollywood. Vê-la-emos esta época em alguns filmes de categoria.

2.ª SÉRIE — N.º 56 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 1 DE DEZEMBRO DE 1941 — PREÇO 1$50